

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O TRILHO DO GATO – WILLIAM A. WELLMAN
20 e 22 de Janeiro de 2026

BUFFALO BILL / 1944 (*As Aventuras de Buffalo Bill*)

um filme de William A. Wellman

Realização: William A. Wellman / **Argumento:** Aeneas MacKenzie, Clemente Ripley e Cecile Kramer, baseado num conto de Frank Winch, sobre a vida de William Cody, chamado "Buffalo Bill" / **Fotografia:** Leon Shamroy / **Direcção Artística:** James Basevi e Lewis Creber / **Décor:** Thomas Little / **Consultor para a câmara:** Natalie Kalmus / **Música:** David Buttolph / **Direcção Musical:** Emil Newman / **Montagem:** James B. Clark / **Interpretação:** Joel McCrea (Buffalo Bill Cody), Maureen O'Hara (Louise Cody), Linda Darnell (Dawn Starlight), Thomas Mitchell (Ned Buntline), Edgar Buchanan (Sargento Chips), Anthony Quinn ("Mão Amarela"), Moroni Olsen (Senador Frederici), Frank Fenton (Murdo Carvell), Matt Briggs (General Blazier), George Lessey (Mr. Vandevere), Frank Orth (General Sherman), Sidney Blackmer (o Presidente Theodore Roosevelt), George Chandler (Soldado Clency), Chefe "Many Treaties" ("O Grande Boi"), Evelyn Beresford (a Rainha Vitória), etc.

Produção: Harry Sherman para a 20th Century Fox / **Distribuição:** 20th Century Fox / **Cópia:** 35mm, cor (technicolor), legendada eletronicamente em português, 90 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, 10 de Março de 1944 / **Estreia em Portugal:** Cinema Tivoli, a 20 de Maio de 1945. **Primeira apresentação na Cinemateca:** 3 de Novembro de 1993 ("Redescobrir William A. Wellman").

Buffalo Bill é um velho conhecido meu. Não falo do personagem, que é velho conhecido de qualquer pessoa que minimamente se preze, ou seja que tenha sido educado no e com o cinema americano. Falo, mesmo, deste filme de Wellman que vi, na estreia lisboeta, no Tivoli de 1945. Eu tinha então dez anos e ainda muito pouco cinema visto. Mas já nessa altura Maureen O'Hara, Linda Darnell e Thomas Mitchell eram velhos conhecidos meus e as duas actrizes já faziam parte das mulheres da minha vida. Maureen O'Hara, sempre a cores e sempre em zaragatas com homens, conhecia-a de **The Black Swan (O Pirata Negro)** e voltou a vir-me, um ano depois, em **The Spanish Main (O Terror dos Sete Mares)**. Fui, pois, apresentado a ela por Henry King, William Wellman e Frank Borzage, três autores que a Cinemateca deu a "redescobrir" nos anos 90. Linda Darnell, outra *rainha do technicolor*, conhecia-a de **Blood and Sand (Sangue e Arena)** de Rouben Mamoulian e sei, hoje, que também a entrevi (mas a preto e branco) a fazer de Virgem Maria em **The Song of Bernadette (A Canção de Bernadette)** do citado Henry King. Thomas Mitchell vinha também de **O Pirata Negro** e tinha-me feito chorar muito em **The Sullivans (Eram Cinco Irmãos)** de Lloyd Bacon

Todas essas recorrências só se explicam pelo facto de serem - todos - actores da Fox e da Fox - com a Warner - ser nesses anos o estúdio que mais fabricava filmes de aventuras e de piratas. *Westerns*, menos. E tanto assim que **Buffalo Bill** foi, muito provavelmente, o primeiro *western* que eu vi na minha vida.

Ao contrário dos outros filmes citados, que me foram acompanhando vida dentro (já passaram todos e várias vezes na Cinemateca) estive sem ver **Buffalo Bill** desde essa

tarde, no Tivoli, há 55 anos, até 1993, quando do Ciclo Wellman. Lembro-me de ter verificado, espantado, que de nada me lembrava. Talvez dos búfalos, talvez dos olhos de Maureen O'Hara, na sequência do pedido de casamento, talvez de "uma ideia geral" da Batalha de War Bonnet George. Mesmo assim, não juro. Porque búfalos, batalhas e os olhos de Maureen são memórias que podem não vir daqui. De Joel McCrea, não me lembrava absolutamente nada, embora, como Buffalo, ele esteja no seu melhor, com uma bela barba (não me lembro de o ter visto mais nenhuma vez de barbas) e um belo corpo.

Wellman, ao contrário de mim, lembrou-se bem de **Buffalo Bill**, mas não tinha boas recordações. Começou a pensar num filme sobre ele (um dos muitos) em 1940, com o seu bom amigo, o argumentista Gene Fowler. Mas, depois de umas semanas de trabalho, Fowler queimou o *script*, dizendo: *"You can't kill any of those wonderful heroes that my kids and your kids worship. Buffalo Bill is a great figure and we cannot do it"*. Frank Thompson, que conta esta história, não acredita nela. Tanto sentimentalismo cheira-lhe a esturro. E diz que as razões do malogro do projecto devem ter sido menos nobres.

Seja como for, em 1943, quando o projecto foi relançado, Wellman teve que o aceitar como *contractual obligation picture* e não se mostrou muito entusiasmado com a encomenda. Mais tarde disse: *"Devia ter vergonha de mim próprio, mas nunca gostei dessa fita. Depois de ter trabalhado na história com Fowler, cheguei à conclusão que era tudo uma intrujice. Tentei fazer o melhor que pude com o argumento que me deram, mas quando aquele rapazinho aleijado se levanta no fim e diz 'God bless you, too, Buffalo Bill', vim-me embora com vontade de vomitar. Mais tarde, Zanuck disse-me que era o segundo maior sucesso comercial dos filmes que fizemos juntos"* (**The Call of the Wild, Roxie Hart, Thunder Birds, The Ox-Bow Incident, Buffalo Bill, The Iron Curtain, Yellow Sky**).

A maior parte dos comentadores não tem sido mais generosa. Nem como *western* nem como *Wellman film*, **Buffalo Bill** tem grande reputação. Eis um exemplo típico do tom geral: *"Poucas vezes, nos filmes de Wellman que conheço, tive ocasião de ver trabalho menos estimulante e em que o desmedido gosto do realizador pela ruptura narrativa e pelas imaginativas mudanças de tom tenha sido tão refreado. Tudo, aqui, é tão cinzento e tão apagado, como nas mais rotineiras fitas de Curtiz ou de Thorpe"*.

Não vou defender **Buffalo Bill** sustentando que ele seja a obra-prima que não é. Mas parece-me que, para quem aprecia "rupturas narrativas" e "imaginativas mudanças de tom", não há razão para se sentir defraudado. Do Buffalo Bill do início (esse que vem lá do alto para matar os primeiros índios e salvar Maureen O'Hara) ao Buffalo Bill, defensor dos índios e amigo de Anthony Quinn e de Linda Darnell; do Buffalo Bill semi-analfabeto e muito tímido (a sequência da resposta ao convite, com Linda Darnell como professora, ou a sequência do pedido de casamento, mais feito por Maureen O'Hara do que por ele) ao Buffalo vencedor da Batalha de War Bonnet; do Buffalo Bill lendário, que chega a Washington em triunfo, ao Buffalo Bill que, em defesa dos índios, se opõe ao Presidente e a Sherman; do Buffalo Bill rebelde e ostracizado ao homem do "tudo é espectáculo" ou dos "grandes shows", não faltam exemplos de "ruptura" e de "mudança de tom". E algumas delas são soberbas, como a aula das cópias com Linda Darnell ou Maureen O'Hara a ajeitar e apertar o xaile, para o forçar a pedi-la em casamento.

Para a erótica de Wellman, ficam, nesta obra, dois momentos antológicos: Linda Darnell a vestir e a despir os fatos de Maureen O'Hara, com os grandes planos da roupa interior e a semi-nudez final; e a sequência em que Joel McCrea é chicoteado pelas mulheres índias, com evidente prazer, ao menos delas.

E a Batalha mostra Wellman no seu melhor, quer nos planos de grande conjunto (com genial aproveitamento do *décor* do desfiladeiro) quer no soberbo *travelling* lateral que acompanha

a luta corpo a corpo nas águas entre Joel McCrea e Anthony Quinn. Quase nada vemos dessa luta, quase toda debaixo de água. Até que a câmara se detém, Joel McCrea volta à superfície e à verticalidade, e o corpo do índio fica a boiar na água, de cabeça para baixo.

Nessa batalha, gosto muito também da morte de Linda Darnell, como gosto muito do plano dela, muito antes, no jantar em casa de Maureen O'Hara, quando surge atrás dos vidros. A relação Maureen - McCrea é excelentemente dada e parece prefigurar a relação entre "as mulheres do leste" e os "homens do oeste" dos filmes de Ford, com ela e com John Wayne (não faltam as rupturas, as separações e, por fim, aquele genial grande plano da mão enluvada dela, entre cujos dedos Buffalo Bill faz a melhor prova da sua famosa pontaria).

Finalmente, sem esquecer o post-batalha, com a frase de McCrea: "*They were all my friends*", vejo mal como se chama "cinzento" a um filme em que o technicolor é fulgurante, quer para as cenas íntimas quer para as cenas de acção.

O filme decai muito no final? Decai, é certo. Mas a ideia de acabar a história de Buffalo Bill com o herói montado em cavalo de madeira e a rodar sobre si próprio, no espaço de um circo, não deixa de ser uma ideia final, com algo de alucinante. Não vou dizer-vos que Wellman tenha transformado Buffalo Bill em Lola Montès, mas a ruptura é singularíssima. E, se já estava no primeiro *script*, começo a perceber a reacção de Fowler e porque é que ele dizia que não se podia acabar assim. Para um filme hagiográfico, é dos finais mais redutores que conheço e dos que mais claramente demonstra, apesar dos *God bless you*, que nenhuma bênção de Deus desceu sobre os índios ou sobre o amigo deles forçado a acabar com eles

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico